

CINE-JORNAL

ANO I - N.º 30 — 11 DE MAIO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



CLAUDETTE
COLBERT



NESTE NUMERO: O que eu penso do amor, por LORETTA YOUNG

O novo filme de Harry Piel desenrola-se qu'ási inteiramente em Lisboa

Chegaram há días dois técnicos alemães para filmar alguns aspectos da capital

FOMOS-nós, nestas colunas, os primeiros e únicos a noticiar a próxima vinda de Harry Piel a Portugal, para realizar um filme que teria Lisboa como local de acção. Ignoravam-se pormenores — mas sabia-se isto, que era o principal.

Chegou a sua vinda a estar anunciada no *Madrid*, que entrou no nosso porto, em meados do mês passado, mas, afinal, Harry Piel não veio — por só tardiamente ter recebido — soube-se depois — a licença das autoridades portuguesas para desembarcar material.

No nosso número transacto, explicámos o facto, e hoje podemos alargar um pouco mais em detalhes, em virtude de terem chegado, de avião, na passada quarta-feira, os srs. E. Leonard e Bruckbaur, respectivamente, assistente geral e operador da produção que Harry Piel está realizando neste momento.

Fômo-los encontrar no Secretariado da Propaganda Nacional, colhendo, junto dos nossos presados amigos srs. Drs. António de Menezes e Félix Ribeiro, as indicações precisas para melhor orientarem o seu trabalho.

Conversámos rapidamente, porque as circunstâncias a tal nos obrigaram. Mas foi o suficiente para colhêmos algumas notas para os nossos leitores.

Em primeiro lugar, Harry Piel já não

vem a Portugal. A dificuldade de, neste momento, se obter divisas para sair da Alemanha é extrema. As autoridades são dnm rigor absoluto e não consentem na saída de dinheiro alemão.

Sendo assim, Harry Piel resolveu mandar apenas o seu assistente geral e o operador Bruckbaur, a-fim-de colhêrem os elementos necessários para localizar a acção do filme, em Lisboa. Desta forma, o operador estrangeiro iniciou já tomadas de vistas de alguns aspectos do Tejo, Terreiro do Paço, Castelo de S. Jorge, Jardim Botânico e Estação do Rossio. Tirarão fotografias para a reconstituição, nos estúdio, dos recantos lisboetas que interessam. Com os aspectos reconstituídos e os outros filmados, localizar-se-á facilmente a acção. Os recursos do cinema de hoje são inesgotáveis.

Porque qu'ási toda a acção do filme se passa em Lisboa. *90 minutos unferthalt* (90 minutos de espera) — assim se chama a obra — conta-nos uma aventura de Harry Piel nesta cidade. Harry viaja a bordo dum barco de excursionistas que toca na nossa porto, e que nêle tem 90 minutos de espera. E é, durante êsses noventa minutos, que a acção se desenvolve.

Os nossos visitantes contam demorar-se em Lisboa até o próximo dia 14.

O BAILE DA RÁDIO-SONORA

Conforme noticiámos no nosso último número, é já no próximo sábado, 16, que se realiza nos salões do Grémio Lirico Português, o grandioso baile do C.T.I.A.N. Rádio Sonora, promovido pelas secções de Teatro e Cinema daquele pósto emissor.

Tendo esta festa características cinematográficas, *Cine-Jornal* não hesita em recomendá-la aos seus leitores. Nela, poderão conhecer algumas estrelas do nosso cinema, e terão ocasião de aplaudir as intérpretes dos três mais belos filmes portugueses, que Leitão de Barros realizou: *Maria do Mar*, *Severa* e *Pupilas do Senhor Reitor*, nas figuras gentis e insinuantes de Rosa Maria, Dina Tereza e Maria Paula.

Além destas simpáticas artistas, far-se-ão ainda ouvir em interessantes números, as atrizes D. Ilda Stchini, D. Maria Amélia, D. Maria Bénard, D. Maria Brazão; Cressy e Janou, com um grupo de discipulas, interpretarão um gracioso bailado; João Mateus, Cardoso Pessoa e Raúl Belas, deliciarão a assistência com algumas das suas mais lindas composições. E, por último, basta dizer-vos que Vasco Santana estará, nessa noite, armado em «cabareteiro», apresentando, com a sua conhecida graça e subtilidade de espirito, os artistas seus camaradas.

Cine-Jornal fará uma distribuição de fotografias, que, certamente, causarão o júbilo dos cinefilos que se encontrem no Grémio Lirico Português.

Uma orquestra de salão, e um grupo típico brasileiro, tocarão toda a noite, comunicando o seu entusiasmo á selecta assistência. Balões e flores, porção nota de alegre policromia no festival que António Feio e Silvestre Silva, directores das secções artísticas de C.T.I.A.N., capricharam em organizar.

Os últimos bilhetes que restam podem ser requisitados para Rádio Sonora, telef. 45398; Casa Valente de Almeida, Rua da Prata, 156; no Palácio Azul, Rua do Ouro, ou no Grémio Lirico Português.

AS NOSSAS CAPAS

Na primeira capa: Claudette Colbert, tal como nós aparece na grande filme, do Fox, «Under two flags» (Sob duas bandeiras).

Na segunda capa: Uma imagem de «O Trevo de 4 Folhas», com Beatriz e Práçpio.



Jack Holt e Jeannette Macdonald, vestidos o 1905



Dove Gould, o mestre de bailados do Metro, ensina um novo passo o Ann Loring e Betty Furness



Freddie Bartholomeu e sua mãe



Mano Barrie tem como duplo, durante os ensaios, sua irmã, que, para atingir a altura de Mano, usa uns sapatos com umas solas e saltos desconformes



Madge Evans, uma escultura vivo...

Quanto custou «Tempos Modernos»

Alguns números sobre o custo de *Tempos Modernos*, o novo filme de Chaplin:

Os trabalhos de sincronização foram pagos á razão de 1.000 dólares por hora. O negativo, na opinião de Chaplin, deve ter ficado em cerca de 18 mil contos.

Chaplin trabalhou durante dois anos no seu filme, sem ganhar um centimo. Se fosse pago á razão de 10.000 dólares por semana (o que seria razoável, dada a sua categoria) o filme custaria mais de 1.000.000 de dólares.

Mas não se assistem porque um bom filme de Chaplin dá lucros líquidos superiores a duas ou três vezes o preço que custou...

Jean Harlow deixou de ser loira-plantinada

Jean Harlow deixou definitivamente, ao que diz, de ser loira-plantinada.

De hoje para o futuro passou a ser «brownette», isto é: um «cocktail» de cores capilares que se resumem num castanho com reflexos acobreados.

Jean Harlow não perdeu nada com a mudança e foi já seguida por Bette Davis e Natália Moorhead, que «torraram» também o loiro dos seus cabelos.

Em *Riff-Raff*, Jean Harlow aparecerá já sob êsse aspecto. O seu corcico triplicou, porque os admiradores escreveram-lhe a felicitação e a fazer mil e uma perguntas.

Douglas (Pai) vai casar?...

Douglas Fairbanks (Pai), vai casar, segundo se diz, com uma senhora inglesa que conheceu, quando da sua viagem á Europa — e que não é a mesma que o acompanhou a Espanha, recentemente.

Um cão inteligente...

Chester Franklin, o realizador de *Se-quoia*, procurava um cão para o seu próximo filme. Falou com diversos «dressers» e um deles declarou-lhe:

«O meu cão compreende tudo o que se lhe diz. Deita-se, levanta-se, abre as portas, vai á janela — e tudo sem termos que lhe falar. Obedece a toda a gente e faz só aquilo que lhe mandam fazer!»

— Diabo! voltou Franklin. Não diga isso ao meu produtor! De contrário, é capaz de pôr o cão no meu lugar...

Uma homenagem...

Joan Crawford e Franchot Tone, assistiram, há días, á estreia de *Jubilée*, uma peça que está fazendo, em Broadway, um êxito enorme.

Quando entraram, ouviram-se uma trovada de aplausos. Agradavelmente impressionados, distribuíram-me suas aplausos de direita e para a esquerda... Só instantes depois repararam que os aplausos eram para o chefe da orquestra, que acabou de entrar momentos antes...

MALA, a estrela esquimó, e o sentimentalismo

NÃO sei em que conta têm os leitores o sentimentalismo, vocábulo que qualquer dicionário define como a «afecção de quem procura mostrar-se muito sensível». Ignoro também se actam a definição rade, se o classificam como uma pieguice ou, pelo contrário, concordam que não é fácil fugir-lhe. Há quem o não considere muito viril e igualmente quem o defenda como uma das manifestações mais profundas da espécie humana, fonte perene de obras-primas.

Quanto a mim vivo um pouco nas suas malhas. Sinto até que é ele o que me liga, através de fronteiras, alfândegas e guardas-fiscas, a milhares de homens que se debatem no caminho incerto da vida. É ainda o sentimento que me impede a não ver, sem saudade, um artista desaparecido, cuja obra lhe sobreviveu e nos passa, na tela, perante os olhos.

Assim me aconteceu ilustremente com Carlos Gardel e John Gilbert. Esclareço, no entanto, que nem sou admirador incondicional do tanto que considero lúo intoxicante para a energia e vitalidade das massas como o fado, nem tão pouco considero John Gilbert um génio.

Contudo, o que nêles havia e pesa muito na minha maneira de os apreciar era a sua vontade de triunfar, a luta tenaz que decerto sustentaram para, através da sétima arte, conquistar um lugar ao sol.

Na tela é difícil iludir. Quem não tiver valor, patenteia logo a sua falha. Escusa mesmo de recorrer ao réclamo, género illiário de adjectivos, que o público voltar-lhe-á fria e implacavelmente as costas.

Por isso, na tela só triunfam os que possuem valor real. Daí a minha simpatia por um Charlot, um Charles Laughton, um Charles Boyer, e tantos

outros. Daí, também, o seu desaparecimento um dia envolver, para mim, motivo de saudade, que não será afectação sem contudo deixar de ser sentimentalismo.

Todavia, um sentimentalismo consciente, produzido pelo vácuo que, na esfera da arte, deixa sempre qualquer dos que para ela viveram uma vida inteira.

Todo este exórdio, porém, vem a propósito da morte de Mala, a «estrêla esquimó» que figurou em «Kayak», filme realizado pelo doutor Knut Rasmussen. Nêle se revelavam os esquimós como artistas que, embora amadores, em nada desmerecem dos profissionais.

Mala, rapariga cuja graça era prova iniludível de que a beleza feminina vive mesmo nas proximidades do Polo, desempenhava em «Kayak» um dos principais papéis.

Aleçou-lhe o êxito que as propostas de contrato choveram sobre a sua frágil cabecinha como as tempestades de gelo sobre a sua ilha. Porém, recusou-as sempre. E foi esse o seu grande erro.

Uma grave epidemia de gripe, que na Groenlândia provocou centenas de mortes, arrebalou-a também. Falta de medicamentos e de tratamento conveniente, o seu fim foi rápido. Valer-lhe de pouco a simpatia de que fora alvo e o seu amor à terra natal...

Digam-me, poderão amanhã ver na tela este pobre anjo esquimó sem sentirem um apêro no coração e sem lhes assale o pensamento uma série de conjecturas acerca do fim da infeliz Mala, da tristeza com que decerto deixou o mundo?

Julgo que não. No fundo, concordemos, todos somos um pouco sentimentais. Até uma leitora fiel que tenho, ia jurar....

OPERADOR N.º 13

Greta Garbo e os seus próximos filmes

Greta Garbo continua na Suécia, a gozar as suas férias. O primeiro dos seus filmes na América será *A Dama das Camélias*.

Logo a seguir, interpretará *Maria*

Walewska e encara-se a hipótese do seu terceiro filme ser *Tovaritch*, segundo a célebre peça de Jacques Deval, que brevemente vai iniciar a sua carreira em Broadway.



Glória Stuart, uma das mais preciosas estrelas da Fox



Astrid Alwyn, na sua piscina privativa

TOMÁS ALCAIDE

assinou já um contrato provisório com a M. G. M., e vai tomar parte no filme «Le Grand Refrain», ao lado de Fernand Gravey

Foi «Cine-Jornal», o único revista o publicador o notícia do próximo ido de Tomás Alcaide para Hollywood — e isto graças à forma como instalámos os nossos serviços de informação.

Antes de dormos mais dois novos, concorrentes ao nosso compatriota, entendemos absolutamente necessário — agora que está anunciado o vindo o Lisboa do célebre tenor português, e quando todas as notícias correm o risco de se supor «traques» publicitários — garantir aos nossos leitores o autenticidade do que vamos dar o seguir. O facto de sermos nós o único jornal do especialidade o publicá-los, deve-se à circunstância dos nossos serviços de informação se

entociparem sobre quaisquer outros — e, portanto, já não interessarem, às restantes publicações, mais tarde, por haverem caído no domínio público.

Assim, podemos hoje comunicar aos nossos leitores que Tomás Alcaide, em visto das êxitos alcançados no Opera Cómico, foi contratado para cantar alguns números no filme de Fernand Gravey, «Le Grand Refrain», que Yves de Mironde, sob o supervisão de Robert Siodmak, está dirigindo.

Por outro lado, Tomás Alcaide assinou, há dias um contrato provisório com o Metro-Goldwyn-Moyer, pelo que tem assegurado, desde já, o sua ida para Hollywood.

Os últimos divórcios de Hollywood

A notícia do divórcio de Clark Gable rebentou com o fragor duma bomba em Hollywood, no início desta Primavera chuvosa. Todos supunham Clark Gable e sua mulher o mais feliz dos casais — de modo que a nova teve o efeito de tudo quanto é inesperado. As mulheres receberam a notícia com visível agrado — como aliás era de supor...

Por seu turno, Arthur Hornblow e sua mulher anunciaram também o seu próximo divórcio. Há quatro anos que Hornblow (que é um dos produtores da Paramount) procurava separar-se da cara-melade, para propor casamento a Myrna Loy. Aquela, porém, não se sentia disposta a satisfazer o desejo, esperando em que se operasse uma reviravolta no espírito do marido. Quando se convenceu de que era impossível acedeu...

Agora, segundo parece Myrna Loy já não está resolvida a dar-lhe atençaõ.

O romance de Jean Harlow era, afinal, uma deliciosa «blague»...

Há algum tempo que se anunciava que Jean Harlow estava escrevendo um romance, intitulado «Today is tonight».

Jean chegou a dizer que era aparentada com Edgar Allan Poë, para justificar as suas tendências literárias.

No entanto, o ceticismo reinava. Uma jornalista americana, que se dizia, aliás, amiga da vedeta, chegou a insistir que esta teria encontrado o manuscrito no espólio de Paul Bern, escritor distinto, que, como se sabe, foi o seu segundo marido.

Ora a verdade é que o romance não será publicado. Porque se descobriu que, afinal, estava sendo escrito por um literato, que, certa noite, embriagado, se gabou publicamente do facto. O editor, lembrando um ecândalo, recusou-se a dar a lume a obra, no louvável propósito de evitar mais escândalos.

Afinal se uma estrela pode ter duplos para as cenas perigosas, porque motivo não poderá arranjarr um «cabeça de turco», para lhe escrever romances?



OS filmes policiais estão sem dúvida, no número daqueles a que ninguém nega o direito de entrada na categoria dos «mais comerciais». Por um fenómeno idêntico ao que se verifica no mercado de livros — onde as novelas e os romances policiais têm larga venda — os filmes deste mesmo género só excepcionalmente não agradam, não conquistam público.

O produtor, que não adormece, estudioso incansável, conhece sempre, dum modo perfeito, os desejos do público que lhe dá de pagar o filme... Sabe que as plateias querem emoção, imprevisto e audácia... Sabe que a sensação agradável da coragem e do heroísmo calmo, bem como a luta angustiosa contra o terror, o arrojo sereno em frente do perigo confortam e exaltam o espectador, comodamente sentado em frente da tela... Sabe quantas vezes o público assimila o herói e não tem dificuldade de maior em ler, no rosto duro e concentrado do espectador que à saída levanta a gola da gabardine, o orgulho soberbo da maneira como resolveu aquele caso — o caso do filme, que viu — incarnado no detective simpático que é a primeira figura do enredo.

Por isso, o produtor faz filmes policiais...

E o público — público certo do género — não falla na bilheteira uma, duas, tantas vezes quantas o produtor responder à chamada... e — na algibeira de alguns — não fallar o dinheiro.

Filmes de público, sem dúvida. Mas apetece perguntar: — São também obras de cinema?

E um facto há muito verificado, infelizmente, a falta de correspondência entre as produções «de público» e as obras de cinema puro. Será do género? dos actores? da incompreensão do público?

Não cabe neste artigo responder. O que podemos afirmar é que, os filmes policiais, para que a obra agrade, tem que ter «hom cinema» visto que, se assim não fór, é impossível obter o ritmo, o imprevisto, a sensação de perigo, patentear a audácia, a inteligência e a serenidade — que são «o prato de resistência nos filmes em questão».

*

* *

E como são difíceis de executar as obras perfeitas — a realização de filmes policiais é cheia de espinhos.

Mais cheia de espinhos até, do que a restante produção pelas exigências, a que se não pode fugir.

Antes de mais nada, é necessária uma boa novela, lógica por principio, de ardida agradável, com imprevisto e des-

Por isso, o produtor vê-se na necessidade de consultar verdadeiros especialistas do assunto, os quais compõem e solucionam todos aqueles problemas — no género do detective que se vê em frente duma porta chapeada e, com dois arames, fabrica as gazetas precisas para continuar a sua pista.

Por isso também, só produzem bons filmes policiais os países onde a polícia secreta é uma realidade, a America e a Alemanha, especialmente.

Outra parte cheia de dificuldades — de enormes dificuldades — é a montagem, custosa e exigente em todos os filmes, mas nestes muito mais. E forçoso um cuidado permanente — a quebra dum elo na corrente que é o filme, determina uma confusão irritante; alguns centímetros de celuloide, que se cortem, podem esconder um pormenor básico; a falta duma tesourada pode deixar transparecer o que se quer ignorar, para surtir efeito.

No fim de tantos trabalhos, se todos eles foram ordenados e perfeitos, o esforço vê-se, geralmente, recompensado.

O produtor realizador, técnicos colaboradores, e actores rejubilam, e o público assiste, satisfeito, a um bom espectáculo.

As vezes, porém, há uma nota desafiada e o assunto é tão melindroso que, só ela, basta para estragar o conjunto.

Um pequeno descuido pode deixar um filme destes cheio de infantilidades, absurdos ou confusões.

*
* *

Temos visto bons e maus filmes policiais que não vale a pena recordar. E, sem falarmos das suas qualidades intrínsecas, é notória a mudança de processos que, pouco a pouco, de época para época, sofrem, não só na técnica, o que nada admira, mas também no prisma sob o qual é visto o assunto, ponto este bem mais interessante.

O filme policial sem deixar de ter imprevisto e emoção tem menos terror e menos cenas de nevoeiro do que tinha antigamente. Criou uma nova escola. Uma escola de tal maneira nova que hoje, lado a lado, à vontade, podemos classificar, em duas categorias distintas: os filmes policiais «à moda antiga» — da série «Charlie Chan», por exemplo — e os tipicamente modernos.

Ao falar, nestes últimos, falamos, evidentemente, naqueles que William Powell interpretou.

Beneficiados quasi sempre por uma direcção de alta categoria — V. Dyke realizou o *Homem Sombra* — e com o esplêndido intérprete, verdadeiramente ideal para o género, que é Powell, os filmes policiais «tipo novos» juntam, a todas as outras qualidades, uma outra não inferior e que até aqui, seria considerada intrusa — o bom humor.

E se, há umas duas ou três épocas, a tendência era para considerar os «policiais», filmes sombrios, corrigiu-se a tendência, educou-se o critério, para um ponto de vista mais agradável que nos foi dado, pela intimidade galhofeira e processos humorísticos usados nos filmes de William Powell.

Parece-me que só nos «estúdios» americanos criaria vulto, como criou, a ideia dum detective apaixonado, embaraçado nas malhas dum complicado crime, a fazer a sessão de ginástica matinal, pedalando furiosamente le barriga para o ar ou receber com sua esposa os convidados para uma festa dançante, na própria casa, onde vai começar as investigações.

Mas ainda bem que os americanos tiveram mais esta ideia feliz...

Porque, se se mantivessem fiéis aos antigos processos, dentro em pouco, ninguém tomava os filmes policiais a sério, e tinham a mesma sorte das fitas de «terror», das de «selva» e das de outros géneros que conseguiram cançar o público por ausência de variantes.

Felizmente os americanos tiveram a grande visão de lhes dar optimismo. E este, mesmo nos filmes policiais, é sempre optimismo.

FERNANDO GARCIA

Variações sôbre os



Filmes Policiais

fecho triunfante. Uma daquelas histórias que nos fazem pensar, durante o filme, que o criminoso é o criado, depois que é a criada, em seguida o patrão, novamente o criado, chegando-se a admitir a hipótese de ser o detective e, afinal, ser aquela personagem neutra em que ninguém reparava mas que realmente tinha subido a escada, deixado lama na «passadeira» e estampado duas dedadas na «porta do fundo».

O argumentista sua para se sair airoso e, em seguida, o realizador mata-se para fazer obra perfeita. Boa cadência, cenas com movimento e supressão, daquelas que levantam susurro na plateia, equilibrio constante na máscara dos actores — tudo tem de ser cuidado, extenuantemente ensaiado e mantido.

Mas há mais... A técnica policial não pode ser desprezada, porque um filme com ingenuidades, neste capitulo, levantaria a troça de qualquer iniciado — desses muitos iniciados sempre prontos para apontar defeitos e que «embandeiraram em arco» quando chega a oportunidade de alardear os conhecimentos.



Em cima, temos Raúl de Carvalho e Maria Helena, os protagonistas, numa cena de doce romantismo. Ao meio, uma imagem dum salão sumptuoso, com figuração a rigor. Em baixo: Raúl de Carvalho e Maria Costelar, noutra cena do filme.

Bocage deve estar pronto em fins de Junho, o que representa uma autêntica vitória de organização — e um verdadeiro acontecimento nos domínios da cinematografia nacional.

Algumas imagens

de "Bocage"

Bocage, o novo filme de Leitão de Barros, caminha em maré de rosas; e com uma velocidade que não estamos habituados a ver em Portugal. Encontram-se já concluídos todos os trabalhos de interiores, no estúdio. A troupe tem estado a filmar em Oeiras e na Lisboa Antiga, e segue brevemente para Queluz.

Damos hoje três imagens de Bocage, belíssimas, na realidade! São verdadeiros quadros!



A FORÇA DAS PLANTAS

Os segredos da Natureza revelados pela câmara de filmar

O Cinema cultural é hoje uma magnífica realidade. Na Alemanha, sobretudo, adquiriu um desenvolvimento considerável e técnicos competíssimos, auxiliados pelos mais célebres sábios em cada uma das especialidades, realizam filmes que nos revelam os segredos da Natureza, as suas palpações e os seus anseios — de forma evidente e maravilhosa. Ainda há dias, nas páginas da nossa revista nos referimos, ao excelente cultural A Cidade das Formigas.

Hoje, damos o curioso artigo que se segue, com imagens sugestivas, e que nos fala da Força das Plantas. Os nossos leitores vão lê-lo, por certo, com o maior interesse.

VEJAMOS o que se passa com o desabrochar do girasol. Chega a parecer impossível como hastes tão finas podem suportar flores tão pesadas e como se não quebram quando o vento sopra. Mas, se cortarmos o caule, verificaremos que é perfurado, como as vigas tubulares que são a última palavra da engenharia. Um corte transversal do mesmo caule mostrar-nos-á os contra-fortes que protegem as paredes interiores.

As gramineas, o trigo especialmente, têm idêntica estrutura o que lhes permite resistir à pressão do vento e suportar igualmente o peso das espigas.

As próprias árvores devem a sua flexibilidade à composição da sua casca. Esta, com efeito, é constituída por fibras extensas de madeira e de liber.

Uma experiência simples, demonstra a resistência e flexibilidade de liber: Uma fibra de liber carregada com um certo peso rompe-se ao cabo de determinado tempo. Um fio metálico, carregado com o mesmo peso, quebra-se imediatamente.

* * *

As hastes de certas plantas são fracas em demasia para suportar, só por si, o peso dos seus frutos. Tal é o caso da abóbora por exemplo. Os caules principais lançam em redor deles gavinhas, que lembram minúsculas amarras, e que lhe permitem agarrar-se a um suporte vizinho.

Outro «tour de force» das plantas, consiste a buscar no solo a água e levá-la até às extremidades dos seus ramos. Certas árvores consomem cerca de 150 litros de água que têm que elevar até os pináculos. A água, assim absorvida pelas raízes é, em parte, deitada fora pelas folhas, sob a forma de transpiração.

Uma demonstração concludente: Um ramo dum choupo é ligado a um tubo cheio de água, mergulhado por sua vez numa «cuvette» com mercúrio. O ramo aspira a água o que provoca a subida do mercúrio no tubo.

Outra experiência demonstrar-nos-á que a força de sucção das raízes é considerável. Se ligarmos o tubo de mercúrio a um tronco duma planta recém-cortada, veremos a água, aspirada pelas raízes, elevar-se no tubo e vencer

a resistência do mercúrio, não obstante o seu peso e a sua densidade.

* * *

Semeemos alguns rabanetes. A força e a actividade destas plantulas para furar a terra é prodigiosa. Os rebentos dos girasóis chegam a deslocar grandes pedras. As plantas, sedentas de ar e de luz, sabem triunfar de todos os obstáculos.

Uma tampa de vidro, num vaso, não é suficiente para retardar seriamente o seu nascimento. Mesmo se estiver fixado por pesos consideráveis não resistirá ao crescimento das plantas, que se desembaraçarão hábilmente.

O próprio junquillo, tão delicado, não «desanima» com duas razões. Para nos fazer admirar as suas flores chega a furar seis a sete camadas de folhas secas.

Façamos uma experiência. Sobre um vaso de junquillos em germinação, fixemos, umas sobre as outras, cinco folhas muito finas de estanho (aquele «papel» prateado dos chocolates). Amarrêmo-las, fortemente. É muito pouco para impedir o crescimento dos rebentos, que perfurarão tal obstáculo.

O cogumelo dá provas também dum vigor extraordinário na procura da luz.

As ervilhas em germinação encerradas num frasco, herméticamente fechado, reventarão, ao fim de alguns dias, as espessas paredes de vidro daqueles.

* * *

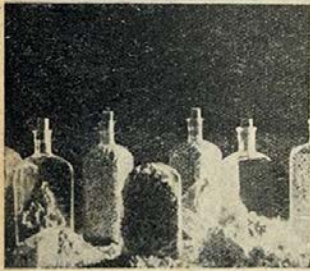
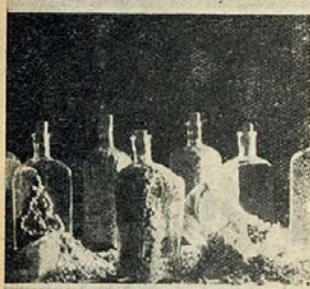
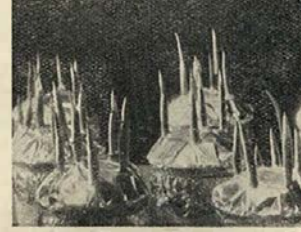
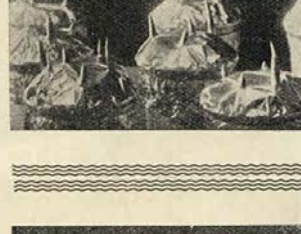
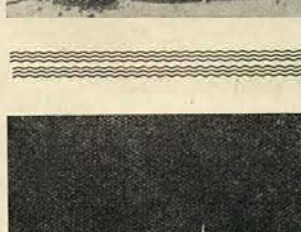
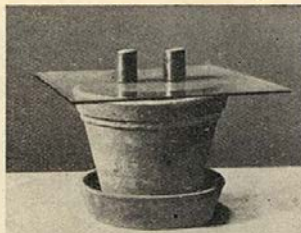
As plantas parasitas dispõem também uma actividade e uma vitalidade incriveis para alcançar as plantas que passarão a ser as suas vítimas. Vejamos as peripécias da luta entre a cuscuta e um salgueiro: a cuscuta lança-se à conquista da árvore. Como um polvo, com os seus tentáculos, assalta-o, por todos os lados. Apoiase no tronco. Faz penetrar as suas gavinhas na casca, que em breve atingem a substância da árvore de que ela se nutre com avidez. Os tentáculos penetraram até à medula do salgueiro. A cuscuta já não precisa de ir buscar alimentos à terra. A sua própria raiz, tornada inútil, atrofia-se progressivamente.

É o salgueiro, pouco a pouco, enfraquece-se e morre atingido por este adversário implacável que foi beber a vida nas mesmas fontes da sua própria vida.

DR. MARTIN BIKLI

Chefe do Departamento Cultural da Ufa

(Em exclusivo para Cine-Jornal).





conseguirá assegurar os meios de subsistência.

Talvez por que isto assim suceda, muitas mulheres não olham hoje para o casamento, como devem olhar. Supõem um acto sem importância, quando deve ser o mais sério do nosso vida.

Eu nunca encarei o casamento sem reflectir. Seria incapaz de me tornar o casar com um homem que não mereça a minha afeição. Jamais sacrificarei o meu casamento à minha carreira e espero que, quando me casar não será para me divorciar daí a dias, como é norma entre as vedetas de Hollywood.

Canheço os homens — não tenho ilusões. Espero encontrar um dia o companheiro ideal que me saiba estimar e compreender. Tenho um «ideal», e posso buscá-lo, e esperá-lo, evidentemente, porque sou independente.

* * *

Antigamente as mulheres pareciam cegas e às vezes persuadiam-se de que amavam — quando tal não sucedia. Procuravam apenas «arrumar-se» no vida, o mais depressa possível. Hoje, podem esperar — porque o futuro já não os apavora — e casar com o homem que verdadeiramente amam.

Este facto explica, talvez, a inconstância das mulheres. Não é a irreflexão que as faz prender-se hoje o este, amanhã àquele... É a ansia da perfeição, de encontrar o homem das seus sonhos, que às vezes tanta se tardar. A nossa concepção actual do «charme» masculino é feito de impossíveis...

Par isso, as mulheres continuam o fazer más experiências, experiências infelizes. Com a vantagem de que hoje já se não sacrificam o vida inteiro, porque se podem libertar sem receio de ser ver o braços com o mistério.

* * *

No que me diz respeito, estou convencido de que o mulher terá sempre uma grande desilusão com o casamento, se não experimentar as alegrias do lar e dos filhos. As mulheres que trabalham têm o felicidade de poder esperar...

Nenhuma mulher poderá dizer: nunca mais amarei. Se renunciar ao amor, renunciará à própria vida... Vale mais uma má experiência de amor do que nunca conhecer uma hora das alegrias morais que ele nos proporciona.

LORETTA YOUNG

O que penso do Amor

Loretta Young, o doce «Beringela» das «Cruzadas» é muito nova ainda — mas tem já uma invejável experiência da vida. Das duros lições da realidade — casou aos dezasseis anos e divorciou-se um ano depois — extraiu uma filosofia especial sobre o amor.

Crê no amor, e, ao contrário do que hoje se supõe, entende que o mulher presentemente está mais bem preparado para fazer a escolha conscienciosa dum marido.

A experiência pessoal de Loretta Young dá-lhe uma autaridade excepcional para falar assim. As suas infelidades aumentaram o seu poder emocional. Os desgostos e desilusões deram-lhe uma sã concepção das realidades da vida. O sofrimento fez de Loretta Young, esse artista delicioso que encarna, na tela, com rara sinceridade, o mulher sensível e amante, o companheiro ideal do homem que elo escolheu!

ANTIGAMENTE, quando as mulheres se não tinham ainda tornado independentes, à custa do seu trabalho; quando não haviam sido ainda colocadas em pé de igualdade perante o homem — o casamento constituía para a mulher um pesado encargo. Hoje, já não sucede assim e o mulher pode conceber e esperar o amor ideal.

Se se enganou, se o casamento lhe não permite a felicidade esperada — facilmente se poderá libertar, visto que, pelo trabalho,





lreal, que tinha uma casa «modesta» na 8.ª Avenida, cerca da Rua 57.ª, em Nova-York.

«Não esperem ir ver um palácio, disse a boa mulher. É uma autêntica caverna, mas a minha irmã é uma rapariga às direitas e tratará do vosso caso.»

A descrição não fugia muito à verdade. A casa era miserável de arranjo e tinha o indispensável!

Munidas da carta de recomendação as duas irmãs foram procurar Ziegfeld. Após algumas horas de espera, aquele recebeu-as. Olhou-as demoradamente e procurou saber ao que iam. Norma — a mais animosa do bando — declarou-lhe que queriam tomar parte nas célebres «Ziegfeld Follies». O famoso empresário, sorridente, inquiriu:



O tempo passava, sem se passar nada... Mrs. Shearer conseguira um emprego, que as não deixava morrer de fome. Finalmente, um belo dia, veio uma convocação. Eram precisos dez figurantes... Apresentaram-se 100!

Haviam dito a Norma que ela era linda, quando sorria. Por outro lado, os olhos muito melidos nas órbitas, um ligeiro estrabismo, os dentes desiguais, fazia-na perder, ao pé das outras. Mas Norma tinha, dez vezes mais do que todas as outras, vontade de vencer, de se impor. Era perseverante, inteligente

sava» para pintores—bem como a irmã. Mais tímida do que Norma, aquela depressa desistiu... Encontrou um rapaz simpático, com quem casou — e resolveu desta forma o seu problema.

Norma procura vencer no cinema. Arranja um contrato — e pede 100 dólares. Não consegue triunfar. Depois desempenha um papel em *The stealers* — e não marca também.

No entanto, não desanima! Volta a Nova-York, torna a empregar-se, a tocar piano, a «posar» para fotos, até que certo dia recebe uma carta do assistente de Herbert Brenon. Propõe-

-lhe um pequeno papel no *Sinal da Porta*: três dias de trabalho, a 25 dólares. Radiante, aceita.

A pouca sorte perseguia-a. Fôra necessário encurtar o filme — e o papel desaparecera na montagem.

Tudo parece apostado contra ela. Desesperada, escreve a Irving Thalberg, «manager»-chefe dos estúdios da Metro. Conhece-o apenas de nome e sabe as funções que desempenha. É quanto basta para lhe pedir um contrato.

Ele não responde. Mas daí a tempo, chega uma convocação da Metro-Godwyn-Mayer.

Norma parte para Hollywood. Chegada lá, pede uma audiência a Irving Thalberg. Ele recebe-a, surpreso, em face daquela linda rapariga, deliciosa e simples. E diz-lhe que ela lhe deve o contrato.

Norma Shearer começa, então, a sua carreira magnífica, ao lado de Lon Chaney, primeiro num filme de Sjöström, depois no *Homem que leva bofetadas*.

Três anos depois, aquela que é hoje célebre, que é a mais respeitada, a mais séria das vedetas da tela — casava com Irving Thalberg, a quem deve a sua posição e a sua felicidade!



Norma Shearer

Entretanto a pobreza afligia-as cada vez mais: o pai ficou inutilizado para o trabalho. A mãe e as filhas tiveram que remediar a situação. Mas, as colocações não abundavam e a família Shearer conheceu dias difíceis.

A coragem de Norma era mais forte, porém. E, um belo dia, tomou uma decisão: iria para Nova-York e procuraria, de qualquer forma, no cinema, no teatro, ou na rádio, triunfar. Depressa, foi um caso assente. Venderam os móveis que restavam. O pai de Norma instalou-se em Montreal, em casa dum amigo, e Mrs. Shearer e as filhas partiram para Nova-York, à conquista da glória, tendo na alforje poucos dólares, uma carta de recomendação para o célebre Florenz Ziegfeld e outra para a irmã duma simpática mulher de Mon-

— Já viram, alguma vez, as Follies? — Não, nunca! voltou Norma.

— Então aqui têm dois bilhetes. E depois do espectáculo, procurem-me.

A revista «Follies» tirou-lhes todas as esperanças. Elas não sabiam dançar, nunca poderiam ser «girls», nem mesmo «taxi-girls», nem mesmo figurantes de «music-halls». Mas mesmo assim era preciso trabalhar, para poder vencer.

No entanto, voltaram a procurar Ziegfeld, mas não conseguiram falar-lhe. Só semanas mais tarde Norma teve ensejo de o ver. Ele limitou-se a dizer-lhe:

— Tenho muita pena, filha! Mas és muito baixa e não sabes dançar.

Foi esta desilusão que a levou a procurar fazer carreira pelo cinema. Inscreveu-se, então, em diversas agências,

e audaciosa. E foi por isso que triunfou.

Nesse dia, entre as cem figurantes aglomeradas no «hall», à espera do ensejo de ser contratadas, Norma lembrou-se de que lhe tinham dito que o seu sorriso era bonito. Já estavam contratadas, nessa altura, nove raparigas. Norma começou a espirrar, para chamar a atenção do «régisseur» e, quando este olhou — sorriu, sorriu sempre. E foi escolhida! Pronto! Finalmente conseguira o que queria.

Trabalhou, durante oito dias, à razão de 5 dólares. Entretanto, a miséria voltou a afligi-la. De tempos a tempos, tirava fotografias para réclamos, «po-

NASCEU em Montreal, Franco-canadiana, de origem. Norma Shearer teve uma infância tranqüila e feliz. O avô paterno tinha uns negócios que permitiam um certo desfogo no viver familiar. Pai, mãe e três filhos e este avô providencial — tais eram os habitantes da mais risonha casa das redondezas.

O inverno, no Canadá, é longo e rigoroso. Norma passava a maior parte do tempo em casa, pois a sua saúde requeria cuidados especiais. Era tão fraca que poucas vezes ia à escola e limitava-se a aprender música. Aos oito anos de idade, começou a aprender piano. Quando chegou aos doze anos, começaram as desgraças. Morto o avô, o negócio de que a família vivia passou a ser gerido pelo pai. Bom e inexperiente, foi iludido na sua boa-fé — e teve que vender a casa, para fazer face aos prejuízos que advieram. As coisas foram de mal a pior — e em breve Norma teve que procurar emprego.

Receberam-na numa loja de músicas. Ganhava dez dólares por semana e tinha que tocar, de manhã à noite, todas as músicas que os freguezes pretendiam.

Um belo dia, a mãe foi ter com ela ao armazém. As lágrimas bailavam-lhe nos olhos. Sonhara outra coisa para a filha. E proibiu-a de voltar ali.

COMO SE FAZ UM BOM FILME...



Myrna Loy escreve as suas cortas, no estúdio, durante o intervalo dos filmagens

HONG-KONG é um grande barco perdido no mar da China. Quando o paquete que leva Clark Gable por capitão, larga para Singapura é Hong-Kong que arreia um dos seus escaletres...

vendem pedras falsas, porque duvidamos da pureza da origem.

* * *

A bordo vai mais o Wallace Beery e a Jean Harlow. A lilação pode-se dizer completa. Pois que mais é preciso para se fazer um filme? Um bom realizador.

Temos ouvido dizer mal de alguns filmes, por serem feitos nos estúdios. Mas não será isso uma razão de elogio?

Tay Garnell encarregar-se-á, a contento, dessa missão. É tempo de se levantar a ponte. Será já tarde, mesmo. Alguns piratas misturaram-se com os passageiros. E, agora, que entraram, como vai ser difícil distinguí-los do resto da fauna que teve necessidade de mudar de paragens!

Preferimos, por exemplo, conhecer Africa através de filmes ou de romances do que pela sensaborona descrição dum recém-chegado. Satisfaz mais a nossa imaginação que logo se povoa de lutas de feras, de cobras penduradas nos candeeiros, da ceia entrecortada de utros de leão.

Mais um punhado de ouro. E o mar, agitado tudo isto, dará um saboroso cacharote. Que nome se lhe há-de pôr? «Nos Mares da China».

Que desapontamento quando nos dizem que Luanda é assim uma espécie das Caldas da Rainha mas sem cavacas! E que mesmo lá os homens não deixam de pensar na melhor maneira de governarem — eles — os povos...

* * *

Hong-Kong, Singapura... Não devem fazer muita diferença da última vez que... lá fomos. E para quê? Cidades da China construídas por ingleses. Só não estamos seguros da dosagem: — quanto de ópio e quanto de whisky?

Logo após a interpretação Gable-Beery-Harlow (e porque não também Lewis Stone e Rosalind Russell?), que nos abstenemos de apreciar porque precisávamos do dóbro do espaço, «Mares da China» desperta o nosso interesse pela demonstração prática que encerra das magníficas condições de trabalho que oferecem os estúdios americanos.

E depois com o cinema já não há imprevistos. E para mais portos de mar! Estão tão banalizados que iam a apostar que o Hong-Kong do filme não passou de Hollywood. Até na Quinta das Conchas a gente se governava: umas ruas mais estreitas que certas barbearias de Lisboa, uns letreiros feitos de recortes de calendários japoneses, dois baralhos de cartas viciadas, um assobio internacionalíssimo no silêncio da noite e umas não menos internacionais navulhas que, uma vez abertas, se põem todas a falar na mesma língua. Não aproveitamos os chineses que entçe nós

Aquela tempestade a bordo é dum realismo emocionante. Vêmo-nos envolvidos nas suas rajadas. Com ansiedade acompanhamos todos os passos daquele que a bordo é logo a seguir depois de Deus.

E é com justificada satisfação que pisamos de novo o cais de Hong-Kong.

Quando o espectador «vive» o filme que vê, pode dizer com justiça que viu um bom filme.

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES

A HISTORIA VERIDICA DUMA RAPARIGA QUE SONHAVA COM O CINEMA...

GUSTI Huber, uma das mais jovens vedetas alemãs, é uma rapariga simpática, de rosto delicado, lindos olhos negros, e cabelo liso, com risca ao meio. As botinhas altas, chegando quasi até aos joelhos, o casaco de fazenda grossa, e a blusa de quadradinhos brancos e azuis — indumentária esta que o argumento exige — não prejudicam a beleza singular de Gusti Huber.

ou disfarçava-me de qualquer maneira, e aparecia na sala fazendo grandes trejeitos melodramáticos. Eram os primeiros sintomas teatrais. Meu pai só queria ouvir falar de profissões lucrativas, e lembrei-me de estudar medicina. Ai está uma profissão que talvez me agradasse. Mas quê! Meu pai não concordou. Que os estudos eram muito caros, e que duravam uma eternidade, etc. Pósto de lado este mistler, vieram-me outra vez ideias para o teatro. Para convencer meus pais, comecei por fazer resistência passiva. A minha cara expressa, todos os dias, a maior tristeza e consternação... E acabaram então por ceder! Pouco depois, entrava para a Escola Dramática. Não calculam a minha alegria e satisfação. Os meus condiscipulos são hoje artistas dos meus conhecidos. Basta lembrar os nomes de Luise Ulrich, Rose Stradner, Viktor Staal e Paula Wessely.

— O director — diz ela — não quer que falemos do filme, porque o enredo é muito emocionante, e tem um desfecho imprevisito.

Depois tive a minha época áurea. Terminados os estudos arranjei um pequeno papel num teatro de Viena, e de vez em quando até trabalhava em filmes pequenos. E um dia a felicidade bateu à minha porta.

— Não é preciso, Gusti. Eu sei o enredo de cór, desde o principio ao fim.

— que eu quero é que me fale de si, da tua carreira.

Ucicky, o famoso realizador da Ufa, procurou-me um dia em Viena. Foi o maior acontecimento da minha vida. Nessa mesma noite, no meu camarim, durante o intervalo, assinava o meu primeiro contrato para um grande filme sonoro. E agora, aqui me tem, a trabalhar com os meus grandes colegas Hans Albers e Käte Dorsch.

— Gusti abre os olhos, muito admirada. Naturalmente, nunca pensou que a imprensa se interessasse pela sua pessoa.

— Diga, Gusti, de onde vem, como é que começou, etc. A simpática estrelinha esboça um sorriso. Os olhos fixam-se no espelho do camarim, como se o passado lhe aparecesse, ali, numa visão.

É verdade. Gusti Huber vê-se pela primeira vez em frente do microfone e da câmara. A luz dos projectores ilumina o rosto delicado da jovem artista. Eis um sonho que se tornou realidade, como tantas vezes acontece no cinema.

Berlim, Abril de 1936.

M. B. SANTOS E SILVA

(Exclusivo para Cine-Jornal)



Peter Boese, o miuda-prodígio da cinema alemão

tatou, dum dia para o outro, que era mulher!

Hartford, morto o seu companheiro favorito, perdeu para ela todos os seus encantos. E quis então educar o espírito, como educara o corpo. Estava uma mulher — mas ignorante.

Cursou, então, a escola de Oxford, nessa localidade. Mas passou logo para o aristocrático colégio de Bryn Mawr, um autêntico lar feminino, onde as raparigas encontravam as alegrias de casa, aliciadas aos mais doutos e autorizados conselhos, tendente à formação do espírito.

Estudou. A sua incorrigível individualidade teve bastas ocasiões de se manifestar. A educação livre dos primeiros anos ressenliu-se no seu carácter. Era quasi indomável, autoritária, impetuosa. Lembrava um pótro bravo, fino e inteligente, mas selvagem por natureza. Tinha, porém, bom coração. E era sensível, boa, simples. Tinha «repentes» — mas quebrava logo.

O vício do tablado estava-lhe na pele. Entrou em dezenas e dezenas de festas escolares. Distinguiu-se. Os papéis em *travesti* eram a sua paixão. E quando as portas de Bryn Mawr se cerraram sôbre Katherine Hepburn, que trazia debaixo do braço, enrolado, o diploma do curso — a nôvel diplomada pensava

apenas, em se dedicar à carreira, que era todo o seu sonho.

* * *

A carreira teatral é sempre espinhosa. Mas a rebeldia natural da vedeta *in-herbis*, tornou-a mais difícil, ainda.

Teve questões sôbre questões com todos os ensaiadores. Era «insuportável», no dizer dos mesmos. Não acatava nada que à sua sensibilidade repugnasse. E, assim, passou como um meteoro, na peça *The Big Pond e These Days*.

Os empresários passaram palavra. A fama de indomável corra entre bastidores.

Esteve meses e meses sem trabalhar. Um belo dia obteve uma promessa. Representava-se, em Broadway, a peça *Holiday*. A famosa artista Hope Williams era a protagonista. O director do Teatro contratara Katherine Hepburn, para substituir Hope, quando esta desse mostras de cansaço! Assim sucedeu. Quando a mandou avisar que era chegado o momento de actuar, Katherine não se encontrava em casa. Havia partido para a Inglaterra — para dar grandes passeios, nas campinas verde-esmeralda da Irlanda!

Ao regressar aos Estados Unidos, Katherine Hepburn obteve o principal

papel de *A Morte em Férias*, que depois foi adaptado à tela, e que acabou, afinal, por ser entregue a Rosa Hobart, porque, dias antes da estreia, Katherine Hepburn teve uma questão com o director do Teatro e desligou-se!

O seu feitiço indomável — dominava-a, ainda, de quando em quando!

* * *

A luta desenvolvida para a convencer a entrar para o cinema teve fases épicas! E foi a esposa de Kermit Roosevelt que a convenceu.

A natureza rebelde de Katherine Hepburn não queria admitir a possibilidade de se moldar a formas rigorosamente preconcebidas.

Hoje, Katharine Hepburn está mais senhora de si própria! Dominou a sua «inquietação interior», a sua insatisfação — e a sua rebeldia. E reviu os tempos da sua meninice, encantada, quando, nas *Quatro Irmãs* encarnou o papel daquela «Jo», coração de ouro, que tinha um grande desgosto em não poder eternamente trepar às árvores e descer as colinas de Hartford, em loucas correrias — como uma Walkiria americana!...

MARIO AUGUSTO

ERA uma vivenda simpática, das mais bonitas de Hartford, Connecticut. Cercava-a um muro alto, que debruava uma estreita faixa de jardim. No portão de ferro, pintada de verde, lia-se, numa pequena placa, ao lado da campainha, estas palavras «Thomas Hepburn, médico-cirurgião».

Evoqueemos essa casa. Tinha a tradicional dignidade puritana feminista, que a sr.^a Hepburn era uma das mais zelosas paladinas das reivindicações feministas e foi ela que empreendeu no Estado a campanha que terminou com o reconhecimento do direito do sexo feminino, pelo respectivo governador.

Quatro raparigas e dois rapazes alegravam esta mansão soliturna. Do jardim vinha o céu e o sol.

Foi neste ambiente que Katharine Hepburn nasceu e cresceu. A mãe, prepotente com a sua campanha feminista, dominava o lar, de manhã à noite. O pai, voltado aos seus docentes, percorria as cercanias, no seu «Ford» desconjuntado e barulhento. E os miúdos, fugiam para casa, desprezavam o jardim, pequeno demais para as suas brincadeiras, e passavam o santo dia numa mata em loucas correrias com outros garotos da sua idade!

Katherine depressa se distinguiu. Era alegre e nervosa. Viva e bem musculada. Era-seia um galgo resistente e incansável.

A sua superioridade física impô-la ao chefe. A sua vontade passou a dominar aquela Maria-rapaz, que, mais tarde, havia de encarnar um tipo idêntico, no primoroso filme *As Quatro Irmãs*!

* * *

Correram os anos. O ídolo de Katharine Hepburn era o seu irmão mais velho. Teria uns dezasseis anos de idade quando morreu tragicamente. A desilusão de Katharine, a sua dor ante o irremediável que perdera, foi enorme. Naquele momento, findou a sua inocência e terna mocidade. A sua alma, ao roçar pela trilha, evolucionou rapidamente. E cons-

Acima para baixo: Katherine aos 16 anos; aos 13 anos, apenas; um retrato de família aos 11 anos, com o irmãozinho que morreu. Em baixo: Katherine e o irmão, aos 4 anos



«A CANÇÃO DA TERRA»

Porto Santo, a ilha mártir,
num filme nacional

BRUN do Canto vai realizar um filme. Brun do Canto, que foi assistente de Leitão de Barros nas *Pupilas do senhor Reitor* e em *Trevo de Quatro Folhas*, que ainda este mês será projectado em «ecran» lisboeta, é um rapaz forte, alegre, cheio de vida, que põe em tudo quanto emprende um entusiasmo moço e ruidoso. Nos tempos em que a indústria cinematográfica balbuciava em Portugal, já ele era solicitado por tendências modernistas e acusava propósitos de renovação. Simplesmente em Portugal, neste campo como em muitos outros, é difícil renovar pela razão simples de que há muito que fazer, está quasi tudo por fazer. Mas Brun do Canto tem fé, anima um sonho e nada mais decisivo para elasticisar um sonho do que a febre moça de criar, a convicção pura de que a energia pessoal vence obstáculos — querer, Brun do Canto quer.

O seu novo filme intitula-se *Canção da Terra* e tem por enquadramento a paisagem torturada de Porto Santo, aquela ilha pequenina, acidentada, árida, ninho de pescadores e de gaivotas, a escassas milhas do paraizo madeirense. Bruto o Canto, que ama os contrastes fortes, ficou surpreendido pela luxuriante vegetação da Madeira e pela desolação meaneólica de Porto Santo.

Porto Santo vai ser o teatro da sua pelelea, mas não apenas para utilizar a sua paisagem. O objectivo do realizador é recolher a alma na câmara do operador.

Foram muito rápidas as palavras que trocámos, mas essas chegam — *Canção da Terra* é uma produção inteiramente nacional, sem um elemento estrangeiro — declarou-me que parecia apolado em occultar os nomes dos artistas e os pormenores do cenário. O meu assunto é humano e forte; as suas características tudes e marcadas a tintas vigorosas. A terra, a terra é o principal personagem. Mas dum lado fica a terra, a natureza brava e primitiva e do outro o homem que a trabalha e desbrava, que a ama tanto quanto mais doloroso se torna arrancar dela o pão nosso de cada dia.

Brun do Canto fala com arrebatamento, quasi esquecido da nossa presença. Não queremos o fio das suas confissões. Assim dirá mais do que poderíamos perguntar-lhe e mais, talvez, do que queria dizer-nos, — Porto Santo tem um drama, um drama pungente. Havemos de empregar todos os esforços para que apareça aos olhos dos espectadores em cenas perfectas, tão perfectas quanto possível. Queremos oferecer qualquer coisa de novo e de profundamente nacional. De novo, porque compreendemos que o nosso cinema não pode continuar girando no fulero da ressurreição mais ou menos histórica; nacional porque a hora de hoje, cheia de esperanças, de promessas e de angústias, é a hora da nação a hora de todos nós. O nosso filme quer ser um dique ás fotografias catilinhas, de brajos nacionais que já ninguém usa, absolutamente novos em folha, dando um ar de eremo e de imobilidade. Tenho um assunto, tenho um quadro. Altro a vida lá para dentro. A vida que se vive e não a vida que se inventa...

As palavras saem ás catadupas da boca de Brun do Canto. São persuasivas, rápidas, fulminantes. Há arrebatamento e convicção; mas há sobretudo vontade. A *Canção da Terra*, Porto Santo, gente humilde, abnegada, esquecida, gente que nunca viu um filme e nunca ouviu um «jazz-band»; mas apesar disso mesmo, terra de gente estruturalmente portuguesa, simples porque ignora o heroísmo da sua luta, — grandeza da sua vida, Porto Santo!... Porto Santo!...



MOZART

O «*Coliseu dos Recreios*» apresentou, há dias, com um êxito inulgar, um filme inglês, de grande classe, realizado por Basil Dean — e que é um exemplo tipico do filme espectacular, primoroso pela sua reconstituição histórica, e recomendável pelo interesse do tema e pelo desempenho de todos os artistas.

«Mozart», assim se chamou a obra em questão, tem, de facto, características especiaes, que importa destacar, e que obliterau o agrado unânime de todos os espectadores.

A figura de Mozart, o génio da música, as suas esperanças e os seus amores, são os pontos de partida para a

vida, as suas ilusões e desventuras. Tudo isso o filme nos conta com excepcional encanto.

Sir Thomas Beecham dirigiu a parte musical, que teve o concurso da London Philharmonic Orchestra, e que incluiu trechos das célebres óperas «Figaro», a «Plauta Mágica», etc.

Villoria Hopper, Liane Haid, John Loder e Stephen Haggard — nomes da melhor linhagem do cinema americano — vivem os seus papéis de forma notável.

«Mozart», que Portugal inteiro está disputando, é um exclusivo da S. I. F. Sociedade Inportadora de Filmes, L.

CLAUDETTE COLBERT

Vista pelo seu realizador
GREGORY LA CAVA

Gregory La Cava, o célebre realizador americano, que dirigiu Claudette Colbert em vários filmes, faz um curto e penetrante estudo, uma curiosa apreciação sobre a personalidade da célebre vedeta:

«A eterna inquieta olhou-me furiosamente. Gritava, verdadeiramente irritada, não como uma garota amimada ou como uma mulher ofendida, mas como uma mulher cheia de razão, de argumentos fundamentados e incisivos.

«Porque motivo tinha ela que representar à minha maneira? Porque motivo, ao menos uma vez, eu não seria capaz de compreender o seu ponto de vista de mulher? Nenhuma mulher inteligente e lúcida — afirmava ela — reagiria, em face da situação em que, de súbito, se encontrava — da forma que eu lhe indicava.

«Em lugar de curvar a cabeça, de sofrer em silêncio — explicava-me — faria o possível e o impossível para defender o amor do seu homem.

«Claudette acabou por me vencer que tinha razão. No fundo, estava radiante — por que sempre esperava que eu reagisse assim. E vibrante ainda de emoção, entrou no «set» e interpretou a cena, com alma e coração.

«Só uma vez, havia dirigido Claudette, em *Mundos Iulimos*, e ficara com falsas noções, a seu respeito. Quanto a mim, achava-a uma mulher encantadora, mas fria, incapaz de experimentar emoções violentas. Fora educada como uma «lady». Ora há muitos anos que trabalho no cinema, e habiliti-me, desde sempre, a detestar essas pessoas de condição — que dão, em regra, pouco, ao tela! Desde pequenas, habituam-se a reagir (ou a não reagir) de forma convencional. Prefiro as mulheres menos acostumadas a dominar-se, coléricas, até, «inflamadas» se preciso for. Porque? Por motivos psicológicos, fáceis de explicar. O sub-consciente de dessas mulheres está em permanente vibração, têm uma imaginação extraordinária, e emoções instintivas e violentas.

«Um belo dia, no estúdio, quando filmávamos *Casou com o patrão*, Claudette disse-me:

Sabe, Greg? As tais senhoras na verdadeira acepção da palavra, que V. tanto abomina, têm mais dificuldade em vencer a vida, do que as suas irmãs menos afortunadas. Há tantas coisas que elas não devem dizer ou fazer! Nunca esquecerei os dias de miséria que passei em Nova York, quando cheguei pela primeira vez à América, a correr duma agência para a outra, em busca dum contrato. Fora educada em França, no seio duma família respeitável. Era tão limitada que não fui capaz de responder ao «manager» quando ele, com ar insolente, me perguntou: «E tu, filha?! O que sabes fazer?!»

Prescisei de muitos anos para dominar essa limite!

«O que a tornou simpática foi o seu sentido de humorismo.

«No entanto, é prejudicada por um defeito grave, que me atrevo a confessar, e que ainda não conseguiu dominar. Tudo a preocupa. Inquieta-se com os papéis que lhe vão distribuir, com a sua saúde, com o seu peso e os seus contratos. Preocupa-se com o que os seus amigos pensam dela.

«Pela sua educação aprimorada, incluiu-a no número das mulheres que passam a vida a dominar os seus próprios impulsos, a forçar as suas mais vivas inclinações. Com grande surpresa minha, descobri que ela tem um moral extremamente equilibrado e um sentido da vida, profundo e sublimete!.

Os nossos filmes

O banqueiro Jacques Branchart é um dos homens mais ricos e mais considerados de Paris. Deve a sua situação invejável às suas excepcionais qualidades de energia. Se bem que a idade lhe comece a pesar, apaixonou-se por Ana Maria — a filha dos marqueses de Andigue, um dos maiores nomes de França.

Os pais de Ana Maria estão à beira da ruína. E para se salvar da miséria, que os ameaça subverter, pedem a Ana Maria que aceda ao pedido de casamento do seu rico pretendente.

Ana Maria aceita forçadamente a situação. Casa com Branchart, por quem não sente a menor estima ou afeição, e que não tarda em compreender que sua mulher o trata com indiferença, que o despreza, e que a própria família dela o considera como um intruso, que se não pode dispensar...

Esta perspectiva desperta-lhe o desejo de lutar e de vencer! Desta vez, está em jogo o coração de sua mulher. Para o conquistar, servirá-se de todos os meios, de toda a paciência e energia que pôs em prática, para conquistar a sua fortuna.

Cumula Ana Maria e a família de presentes. Não tarda em se ver envolvido por um grupo de pessoas que vivem à sua custa: sogros, cunhado e até amigos íntimos. Entre estes, Jérôme Le Govain, cuja fortuna deve a Branchart, e que por isso mesmo se tornou um dos familiares da casa. Belo, simpático, habituado aos êxitos fáceis e sem escrúpulos, iniciou, desde logo, um cerco em forma à recém-casada.

Ana Maria, que vive em absoluto isolamento moral — entre um marido que detesta e uns pais, egoístas, que a sacrificaram ao seu bem-estar — lança-se nessa aventura, supondo encontrar, finalmente, uma afeição.

A sua felicidade não dura muito tempo. Jérôme Le Govain não consegue dissimular a sua indiferença, perante Ana Maria, que se lamenta amarga-

mente de ter depositado nêle toda a confiança.

E daí a dias, é êle que vibra o golpe de misericórdia no amor de Ana Maria. Aproveitando uma viagem ao estrangeiro, de Jacques Branchart, convida a mulher para uma festa. Sem desconfiar, aceita. Mas Jérôme Le Govain, que gosta de exibir as suas conquistas, convidou também os seus companheiros de estúrdia e, entre outras, Grace Ritherford, uma ex-amante, que o ama, e que deseja perder Ana Maria.

Grace, roída pelo ciúme, na véspera da projectada *soirée*, advertira Jacques Branchart. Ele duvidara a princípio. Mas tudo tinha um cunho tão sincero... Para tirar o caso a limpo, resolve não se afastar de Paris, e, quando a mulher o julga longe dali, ei-lo que regressa a casa, de madrugada — e a encontra vasia.

Entretanto, Ana Maria apercebe-se da categoria social das pessoas que Jérôme convidou. Verifica que se encontra numa reunião, que vai descambar numa orgia parisiense. E censura ásperamente Jérôme — que nem sequer teve pejo de a comprometer. Jura nunca mais o tornar a ver, e encontra em casa o marido, que lhe pede explicações. Enlouquecida, dominada por uma súbita revolta — ela grita-lhe a verdade e pede-lhe que se separe, que se divorcie.

Jacques Branchart sucumbe! A sua dor, porém, dá-lhe uma força nova para lutar. Primeiro, a mulher; depois, o amigo — todos o insultam!... A história de Sansão, recuperando a força para sepultar os filisteus sob as ruínas do Templo, perpassa-lhe no cérebro.

Cego pela cólera, jura perder Jérôme Le Govain e toda a *entourage*, sempre hostil à sua pessoa, não obstante os benefícios recebidos.

O seu templo é a Bolsa. E a Bolsa que êle vai destruir para arruinar os seus inimigos, muito embora haja que se arruinar também!

...Paris inteira não fala noutra coisa.



SANSÃO



EM CIMA: Ana Maria lança-se nessa aventura, supondo encontrar, finalmente, uma afeição. EM BAIXO: A festa ia descambar numa orgia parisiense...



...Mas Ana Maria quis ficar a seu lado!...

Segreda-se o tremendo escândalo dos «Cobres Egípcios», o maior negócio de Jacques Branchart.

É um belo dia, a uma ordem sua, o valor das acções desce para metade. É a ruína o banqueiro e para todos os grandes especuladores. Mas é a ruína, sobretudo, para Jérôme Le Govain, uma ruína completa, de que êle só se poderá salvar desposando Grace Ritherford, que êle detesta, mas que se presta a tudo para o reconquistar.

Ante tão trágicos acontecimentos a família de Ana Maria mostra-se aterrada. Todos os seus cálculos são destruídos; tornado inútil o casamento da filha, aconselham-na, agora, a abandonar o marido.

Ana Maria, que não esqueceu ainda completamente a sua lealdade, recusa-se a tal. Se partilhou a vida de Bran-

chart na alta não o abandonará, agora, na desgraça. De resto, o seu instinto de mulher diz-lhe que não é absolutamente estranha a tão dolorosos acontecimentos. E aguarda serenamente que seu marido — que todos consideram um «escroco» — lhe explique tudo.

Branchart, de facto, não esconde as razões do seu procedimento: Quis arruinar-se, voluntariamente, para — sem essa fortuna que censuravam, por ter sido desonestamente conquistada — poder ter um ensejo de refazer a vida, a seu lado. Se ela não tiver a coragem precisa para aceitar esta vida de luta, que vai novamente encetar — êle desaparecerá para sempre da sua vida, e dar-lhe-á inteira liberdade.

Mas Ana Maria quis ficar a seu lado, segura agora do preço por que seu marido pagou o direito de ser amado!

CARTA DO PORTO

Cinema Carlos Alberto

TEVEMO o sucesso que previram a inauguração do cinema Carlos Alberto.

O êxito deste empreendimento, louvável sob variados pontos de vista, estava naturalmente indicado pela esplêndida orientação que previamente fora traçada.

Bons filmes — e «O barqueiro do Volga» agradou em absoluto — magnífica disposição da confortável plateia e a modicidade dos preços, são factores que influem decisivamente no espírito do espectador.

O público, assim o compreendeu, acorrendo à nova casa de espectáculos, a que está destinado um próspero futuro.

A situação do Carlos Alberto, que muitos julgavam má por não ser, rigorosamente, no centro da cidade, é uma das razões da preferência do público, visto que o bairro ocidental estava mal servido de diversões, lacuna que o cinema Carlos Alberto veio preencher na hora própria, satisfazendo, de um modo geral, o interesse de todos.

Como se fabrica um êxito

No cinema Rivoli tem-se registado, nas últimas semanas, um caso absolutamente inédito na exploração cinematográfica.

O filme «Canção do triunfo» está sendo exibido naquele cinema há três semanas e sempre com casas à cunha. O facto, por invulgar, suscitou interesse e suspêitas.

O seu sucesso, nascido entre o acaso e uma oportunidade, merece ser elucidado. É típico, é curioso.

Nas noites da estreia, depois de Nino Martini ter cantado agradavelmente as canções do filme, um espectador, amigo do empresário, chegou há pouco do estrangeiro, contou-lhe um caso interessante passado num cinema de além-fronteiras.

Assistira à interpretação dum filme interpretado por um cantor de nomeada. A meio da apresentação o cantor deliciou os espectadores com um trecho lírico primorosamente cantado. O público aplaudiu com calor. O operador para a projecção, volta atrás com a película e a canção foi repetida no meio dum entusiasmo geral.

Porque não se havia de fazer a mesma coisa no Rivoli?

Nunca ninguém, mesmo depois de ter devidamente apreciado, se lembrou de aplaudir Lawrence Tibbel, que ainda há pouco cantou o prólogo de «Palhaços», como, segundo dizem os velhos *dilletanti*, nunca se ouviu em Portugal, nem Jan Kiepura, nem tantos outros cantores de primeira água que o cinema nos tem apresentado.

No entanto, a ideia era engraçada. Na noite seguinte alguns «espectadores» aplaudiram vibrantemente Nino Martini. O operador repete a canção. O caso foi constatado. E o público encaminhou-se em massa para o Rivoli a ouvir o *tenorino* Martini, o príncipe que teve tal honra em Portugal.

O caso deste êxito «fabricado» devido à ideia dum pessoa viajada e dum empresário hábil, tem sido alvo dos mais extravagantes comentários. Mas a verdade, a grande verdade, é que os espectadores enchem há três semanas o Rivoli, enquanto tantas obras primas, tantas jóias da arte cinematográfica, não conseguem, pelo menos, interessar a grande massa.

Odette Florelle, no Pôrto

Aliciante vedeta cinematográfica Odette Florelle conquistou plenamente o Pôrto.

Sem interessar, no momento, o efeito que, no espírito do público, produz a vinda de um astro do cinema — o que daria um manancial inesgotável

de apontamentos psicológicos, para o paciente colecionador de doentias emoções e sensibilidades dêbeis — a verdade é que Florelle firmou o seu nome e a sua individualidade ante o público desta cidade, cinéfilo ou não.

Se os seus dotes artísticos, se as suas possibilidades histrionicas, se o seu nome, não fazem predicados suficientes para interessar o público que ocorreu ao Rivoli, a graça natural, o seu «charme», foi o suficiente para cativar os portuenses que não só se interessaram, mas, até entusiasmaram com a arte simples, mas atramente da simpática artista.

Na verdade a naturalidade, a expositividade da graça de Florelle, uma das primeiras condições para se vencer no cinema, foi o imã que atraiu os aplausos que ressoaram, vibrantes, na vasta sala do Rivoli, foi o melhor «ex-libris» da arte moça e triunfante da encantadora estrêla.

O Pôrto que ouviu indiferente Damia, que não se interessou por Garat, entusiasmou-se sinceramente com Odette Florelle em quem viu qualidades nadas de que a fama cinematográfica é a lógica consequência.

Tal êxito, sucesso que brotou espontâneo, e o melhor cartaz anunciador do próximo filme de Florelle, a garantir precocemente o seu triunfo, a marcar mais uma etapa na vida curiosa dum artista, se é que pode pesar alguma coisa, a opinião da população dum simples cidade da província.

A nota mais curiosa do entusiasmo com que esta artista foi recebida é que, sem que o réclamo nisto influísse, não foi só um ou outro sector da sociedade que a viu com bons olhos.

Foi unânime, geral, completo o agrado da plateia. Quere dizer: Florelle triunfou ante o cinéfilo, sempre benevolente para os cultores da arte preferida e ante os mais exigentes e velhos críticos de arte — espectadores que dispõem de apreciável cultura artística têm visto, aqui e lá fora, as maiores celebridades dos últimos cinqüenta anos.

E facto que a arte exuberante da garçula artista é uma vibrante nota de modernidade — a despeito de dela já se ter despedido há muito — mas, não pode ser estranho ao presente triunfo a influência, a grande influência do cinema em todos os espíritos, quer tenham nascido há pouco para a lufa-lufa da vida, quer tenham principiado há muito o descimento da colina da existência.

Como acontecimento da semana a vinda ao Pôrto de Florelle é uma nota elegante e de arte, a que o público portuense soube corresponder brilhantemente — com a sua presença e com os seus aplausos.

Os cinemas dos bairros

Com a aproximação da estação calmosa principiam a animar-se os cinemas dos bairros — simpáticas casas onde a arte maior número de adeptos grangeia, pelas variadas circunstâncias em que funcionam.

Os cinemas dos bairros, não só pela sua situação, como também pelo género dos seus espectadores, contribuem poderosamente para a maior divulgação da arte cinematográfica, numa propaganda intensa e profícua.

Geralmente localizados nos maiores centros industriais da cidade, servindo uma população de trabalhadores que dificilmente se desloca às casas de espectáculo da baixa, são o complemento directo dos grandes salões.

É com o verão que estes cinemas se animam extraordinariamente, não só porque alguns apresentam espectáculos ao ar livre, mas, também porque as condições de vida das suas populações assim o permitem.

É mesmo certo que o número destes cinemas tende a aumentar o que, sem prejudicar quaisquer outros, maior difusão dará à exploração dos filmes.

CARLOS MOREIRA



Branquiei a Minha Pele Escura E Feia

3 Tons em 3 Dias

«A minha pele estava amarela, escura e estragada. Apresentava desagradáveis poros dilatados em volta do nariz, do queixo e da testa. Hoje, a minha pele macia, branca e aveludada e a minha tez encantadora fazem a inveja e a admiração de toda a gente».

Toda a mulher pode presentemente branquear, amaciar e embelezar facilmente a pele fazendo o simples uso, todos os dias, do Creme Tokalon Alimento para a pele, cor branca (não gorduroso). Este contém agora creme fresco e azeite predigeridos, combinados com ingredientes adstringentes que embranquecem e tonificam a pele. Penetra instantaneamente, acalma a irritação das glândulas da pele, fecha os poros dilatados, dissolve os pontos negros de tal maneira que desaparecem, branqueia e amacia a pele mais escura e seca. Mantém a epiderme mais seca, fresca e com uma leve humidade, mas isenta de gordura. Convém igualmente a uma pele oleosa.

GRÁTIS — Por combinação especial com os representantes, toda a leitora desta revista, pode obter, este mês, um novo Coffret de Beleza de Luxo contendo uma caixa de Pó Tokalon, pó de arroz de emousse de crèmes (indicar a cor desejada), amostras das 4 cores de pó em voga, para ensaiá-las no rosto, assim como um tubo de Creme Tokalon, Biocel, Alimento para a pele, Cór de Rosa, a usar de noite antes do deitar, e um outro tubo de Creme Tokalon, Cór Branca (não gorduroso), para o dia. Enviar quatro escudos em selos para gastos de alfândega, porte e registo (o coffret é grátis), directamente para o Depósito Tokalon de Lisboa (Secção C. J.) — Rua da Assunção, 88 — que atende na volta do correio.

É conveniente não demorar porque a quantidade de Coffrets disponíveis é limitada.

Stadium

A melhor revista da especialidade que se publica em Portugal

informa todas as quartas-feiras os seus numerosos leitores de todo o movimento desportivo do País

Tem 16 páginas cheias de óptimas e flagrantes gravuras por 1 escudo

Rainha da Hungria

A grande marca de produtos de beleza para peles normais. Embelezam, rejuvenescem, prolongam a mocidade.

Academia Científica de Beleza

Av. da Liberdade, 35
Telf. 21866 LISBOA

f é m i n a

A grande revista feminina portuguesa

Apresenta todas as sextas-feiras os mais recentes modelos de vestidos e de chapéus, tratando sempre de todos assuntos que interessam às Senhoras.

À VENDA EM TODO O PAÍS

24 páginas com muitas gravuras a cores — Capa a cores
Esc. 1350

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATográfico

Director: FERNANDO FRAGOSO
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, Lda
Redacção e Administração: T. da Condessa do Rio, 27
Telefone 2 1368 e 2 1227

Comp., Impressão e gravuras BERTRAND (irmãos), Lda
Trav. da Condessa do Rio 27 — Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano 48500
25 " 6 meses 24500
12 " 3 meses 12500
Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano 65500

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



A Companhia
Cinematográfica
de Portugal

Apresenta na próxima Quarta - feira

NOS CINEMAS

PALACIO
e
ODEON

CLAUDETTE

Colbert

no grande filme

O ESPELHO DA VIDA

ao lado de

WARREN WILLIAM
ROCHELLE HUDSON

um filme belíssimo, com um argumento
empolgante, que vai ficar como um dos
melhores da temporada:

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 30 — 11 DE MAIO DE 1936 — SAÍ TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



Beatriz
Procópio

“CINE-JORNAL” É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA